

AS QUESTÕES DE GÊNERO E A LITERATURA RUSSA DE GÓGOL: UM DIÁLOGO SOBRE RELAÇÕES DE PODER PRESENTES NA OBRA *TARAS BULBA*

GENDER ISSUES AND RUSSIAN GOLF LITERATURE: A DIALOGUE ON POWER RELATIONS PRESENT IN THE *TARAS BULBA* WORK

Nikolas Corrent*

Resumo: O presente artigo visa apresentar as questões e papéis de gênero em uma obra específica da literatura russa, representada pela figura de Nikolai Gógol¹, a partir do romance *Taras Bulba*, do século XIX. Partindo da evocação dos conceitos e problemas colocados por historiadores e filósofos como Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e Judith Butler, dispõe-se compreender como o modelo patriarcal de poder implicado nas construções sociais atuais, já eram presentes, não só no ocidente grego o qual Beauvoir tomará como exemplo, mas também permanece remanescente desde países aparentemente mais distantes da cultura ocidental, como Ucrânia e Rússia. Em outras palavras, trata-se de compreender como uma obra literária de 1835 permanece atual, de modo que, não simplesmente influenciou outras posteriores, mas serve ainda de espelho contra problemas ligados ao machismo do século XXI.

Palavras-chave: Cossacos. Questões de Gênero. *Taras Bulba*.

Abstract: This article aims to present the issues and gender roles in a specific work of Russian literature, represented by the figure of Nikolai Gogol, from the nineteenth - century novel *Taras Bulba*. From the evocation of the concepts and problems posed by historians and philosophers such as Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir, and Judith Butler, one can understand how the patriarchal model of power implied in the present social constructions was already present, not only in the West which Beauvoir will take as an example, but also remains reminiscent of countries apparently more distant from Western culture, such as Ukraine and Russia. In other words, it is a question of understanding how a literary work of 1835 remains current, so that it did not simply influence later ones, but still serves as a mirror against problems related to the machismo of the 21st century.

Keywords: Cossacks. Gender Issues. *Taras Bulba*.

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: nik_corrent@hotmail.com.

¹Nikolai Vasílievich Gógol, nasceu no dia 20 de março de 1809 em Velyki Sorochyntsi, cidade pertencente ao Império Russo, mas que atualmente é parte da Ucrânia. É apontado como um dos principais escritores da literatura russa.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta, a partir de uma leitura da obra *Taras Bulba*, de Nikolai Gógol¹, o apontamento e a compreensão de questões de gênero e lutas por direitos enquanto ligadas a relações determinantes de poder no binômio masculino X feminino. Isso significa percorrer um problema contemporâneo a partir da sua prévia existência na literatura romântica e russa do século XIX.

Nesse sentido, lança-se como hipótese fundamental a importância do tema enquanto problema histórico universal, ou seja, que antes de fixar-se enquanto questão anacrônica e esgotada pela crítica temporal, torna-se recorrente e urgentemente necessária na atualidade.

O objetivo geral deste trabalho é mostrar que a tônica das discussões e lutas do feminismo e das questões de gênero hoje, embora tenha suas nuances e teses próprias, nunca deixou de acordar com percepções sensíveis e atemporais sobre a vida humana, mesmo em tempos de perseguição de gênero ou de investidas contra as mulheres.

De tal modo, a literatura russa, como muitas outras, para autores e críticos pós-estruturalistas do século XX, tais como Michel Foucault, Pierre Bordieu, Simone de Beauvoir, que são em muitos sentidos, um manual de exortação de direitos e modos de vida em face de questões que cerceiam os conceitos de gênero e poder.

Consoante a isso, Simone de Beauvoir, que escrevia sua filosofia por meio de romances, mostra que a literatura tem um papel fundamental na história, principalmente quando trata de pensar o papel das mulheres enquanto partícipes da sociedade, seja enquanto personagem, seja enquanto autora. Consoante suas palavras, o papel das mulheres, ainda que legítimo, percorre tais problemas:

É impressionante que em seu conjunto, a literatura feminina seja menos animada em nossos dias por uma vontade de reivindicação do que por um esforço de lucidez; ao sair de uma era de polêmicas desordenadas, este livro é uma tentativa, entre outros, de verificar em que pé se encontra a questão (BEAUVOIR, 1980, p. 22).

Então, de uma maneira bem clara, a filósofa e romancista francesa alude ao fato de que, dentro dos paradigmas de uma sociedade patriarcal, as mulheres sempre foram compreendidas, dentro e fora da ficção, como participantes de um papel menor e submisso,

porém, mesmo aí, em alguns hiatos, as mulheres fortes apresentaram-se com tal, ainda que tenha sido colocada em segundo plano.

Para Beauvoir, “as grandes épocas patriarcais conservam em sua mitologia, monumentos e tradições, a lembrança de um tempo em que as mulheres ocupavam uma situação muito elevada” (BEAUVOIR, 1980, p. 90).

Desta feita, a literatura russa não poderia ser diferente. Busca-se mostrar que, em pequenos trechos da literatura, a mulher resiste aos paradigmas impostos por um patriarcalismo há muito evidenciado. Mesmo que nas entrelinhas, mesmo que retratando uma imagem da mulher humilhada, o mote deste artigo é a evidenciação da afirmação de questões de gênero dentro de uma obra específica da literatura.

De modo que, a mulher subsiste ali, reportando silenciosamente, não a sua subserviência ao modelo machista; antes, é nas páginas mais sutis da literatura que a mulher mostra-se especialmente forte diante dos discursos dominantes e das relações de poder.

Por isso, temos aqui como metodologia, o justo diálogo com cânones do problema escolhido. Como bibliografia selecionada, além de autores como Michel Foucault, Judith Butler e Pierre Bordieu evocar-se-á, com a devida cautela própria de um artigo, as questões trazidas eventualmente pela literatura russa da época de Nikolai Gógol, como forma de justificar a universalidade e a patriarcalidade da questão na qual nos debruçamos.

Em uma estruturação própria, o trabalho se seguirá de tal modo: após o desenvolvimento do artigo expor o problema colocado pelas correntes teóricas escolhidas, apresentar-se-á o enredo e dialogar-se-á com a obra do romancista russo.

Donde, examinando o modo como a literatura aborda as questões de gênero, partiremos finalmente para as considerações finais acerca da maneira como o problema em questão ainda é válido em relação ao autor do século XIX, especialmente quando tange as semelhanças entre as práticas ocorridas em relação a mulheres e homens de ontem com os paradigmas de sociabilidades atuais.

2. MASCULINO E FEMININO: AS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO NA HISTÓRIA

Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo* (1980), faz uma genealogia histórica do problema da opressão de gênero, retornando ao exemplo do que ocorria com as mulheres na Grécia Antiga, berço da filosofia ocidental. No caso da Grécia, aponta Beauvoir,

é importante lembrar que existia uma espécie de separação entre mulheres livres e prostitutas, que se diferenciavam das escravas. É que, segundo Beauvoir:

Os povos primitivos conheciam a prostituição hospitaleira, cessão da mulher aos hóspedes de passagem, que tinha sem dúvidas razões místicas, e a prostituição sagrada destinada a libertar as misteriosas forças da fecundação em benefício da coletividade (BEAUVOIR, 1980, p. 110).

No entanto, embora exista, por um lado, um patriarcalismo místico, por outro, Beauvoir aponta para a sujeição feminina que aparece na forma de liberdade em prol do Estado. Conta ela que em Esparta, a mulher parece ser vista em uma relação de igualdade com o homem, de modo que

As meninas eram educadas como meninos; a esposa não era confinada ao lar do marido; este só era autorizado a fazer-lhe furtivas visitas noturnas e a esposa lhe pertencia tão pouco que, em nome da eugenia, outro homem podia unir-se a ela (BEAUVOIR, 1980, p. 109).

Ou seja, embora não se visse mais escravizada a um senhor, e apesar da noção de adultério ir se tornando opaca, a própria mulher desaparecia da sociedade. Parece estar livre para realizar seus desejos quando na verdade está objetificada num sistema que visa apenas favorecer a criação dos filhos melhores preparados para a Cidade-Estado.

Nesse sentido, embora se exalte a Grécia da antiguidade como berço da democracia, esquece-se de que ela legou valores que ainda hoje partilhamos em demasia. Naquele tempo, homem e esposa era cidadãos quase tão estranhos quanto duas pessoas que se comunicaram a vida toda por cartas, sem quase nunca terem se encontrado de fato.

Para Beauvoir, a mulher é confinada ao gineceu, lugar que lhe é próprio dentro da residência, conceito residencial nada mais distante de uma noção de espaço próprio. Segue Beauvoir dizendo que, “tudo que se exige de uma mulher é que seja uma dona de casa atenta, prudente, econômica, trabalhadeira como a abelha, uma intendente modelar” (1980, p. 112).

Além disso, Beauvoir acredita que “não se nasce mulher, torna-se mulher, nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 1980. p. 9). Assim sendo, para a pensadora, a mulher não possui um destino biológico, ela é formada a partir de um contexto sociável, o qual define seus papéis e funções no interior da vida coletiva. Durante muitas épocas, as mulheres ficaram restritas aos papéis de mãe e esposa. No entanto, a própria Simone rompe

com esse destino feminino e faz de sua vivência algo completamente diferente do esperado para uma mulher.

Assim, não é difícil notar semelhanças que saltam aos olhos quando se fala das relações de poder daquela época e de hoje. Michel Foucault, em seu livro *História da Sexualidade I* (1999), coloca o sexo dentro de uma relação de poder, que não se restringe a um determinado tempo histórico, embora se mostre com facetas diferentes. Para o autor:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígidos, mas um dos mais dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1999, p. 98).

A partir disso observa-se uma forma peculiar não de explorar a sexualidade ou de determinar os limites do corpo, porque este é o elemento necessariamente ligado a algo sagrado ou religioso. Sim, pode ser que esse elemento exista, tal como nos aponta Beauvoir sobre os gregos nos trechos acima citados. A questão, no entanto, é entender de que forma os corpos e, por consequência, a liberdade, são compreendidas.

Enquanto historiador, Foucault vai de encontro a essas relações e suas manifestações. E nesse caso, invoca-se seu pensamento para abarcar o modo como poder e dominação são evidenciados nas práticas disciplinares de gênero. No caso das relações homem X mulher na magna Grécia a.C., não é difícil enxergar a noção de saber enquanto instrumento de dominação, de engendrador de poder, ao passo que o poder também produz saber. Nessa via:

Não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1999, p. 27).

Assim, no contexto do mundo do grego antigo, constitui-se um modelo de sociedade institucionalizado no qual inclusive a mulher não pode fazer parte enquanto membro das decisões políticas, já que as relações de saber-poder estão restritas a senhores que dominam o discurso sobre o que é o saber.

Ainda que homens tenham tentado incluir, naquele tempo, a mulher na vida pública, foram motivo de chacota por parte da sociedade em geral. Segundo Beauvoir, Platão, que propõe aceitar

Um Conselho de Matronas na administração da república e dar às jovens uma educação livre, é uma exceção: ele provoca a zombaria de Aristófanes: em *Lisístrata*, a uma mulher que o interroga acerca dos negócios públicos, responde o marido que não é de sua conta (BEAUVOIR, 1980, p. 111).

No alvorecer do século XXI, o pensamento da filósofa feminista Judith Butler aparece enquanto expoente de resistência e diálogo com questões relativas a feminismo e masculinidade quanto relativas à heteronormatividade, extensão dos problemas de gênero que não será tratada aqui.

Não obstante, Butler aponta para a tentativa de normatização dos corpos, implicada no pressuposto de que, embora se tente controlar o corpo rigidamente por meio de um Estado ou de regras patriarcais, a transformação que impõe preceitos e ações aos corpos é sempre caracterizada por sua incompletude, já que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2013, p. 154).

Donde, se por um lado a teoria de Butler (2013) se direciona a problemas contemporâneos e específicos como a manifestação do modo de ser de homossexuais e transgêneros, por outro, não deixa de aludir e se aplicar ao problema traçado e sempre presente da submissão do corpo ao poder de um saber determinado em função de uma prática de controle.

Na história da literatura ou do romance, o gênero e a expressão da feminilidade sempre foi alvo de implicações de subjugação por parte do homem enquanto baluarte da verdade e bastião da sociedade.

Não é incomum encontrarmos, no meio dos corpos aparentemente frágeis, ora a necessidade masculina de manter um virtual estado de fraqueza feminina, ora a criação, na figura da mulher, de um estigma impuro que esconde uma paisagem pérfida e perigosa às pretensões do macho.

Na obra *À sombra das moças em flor* (2004), por exemplo, o romancista Marcel Proust delinea o incômodo sentido por um homem diante da mulher desejada em face do modelo de amor que acredita:

De cada vez que a imagem das mulheres tão diversas penetra em nós, a menos que o esquecimento ou a concorrência de outras imagens a elimine, já não temos sossego enquanto não tenhamos convertido essas estranhas em algo semelhante a nós mesmos (PROUST, 2004, p. 607).

Por isso, a caracterização da mulher, se tomada enquanto produto de curiosidade masculina a ser saciada, pode, por um lado enfraquecê-la à medida em que ela se desfaz de si para subjugar-se ao outro. Contudo, se levarmos em consideração as reflexões de Judith Butler (2013) citadas anteriormente, veremos que a necessidade de entender a mulher enquanto paisagem indefinida.

Eternamente incompleta no imaginário do corpo do homem desejante, essa imagem torna-a, num silêncio ainda mais forte, sorrateiramente forte, já que impõe ao homem a incapacidade interminável de não conformar nunca o corpo à materialização imposta.

Por isso, quando tratamos de uma obra da literatura do século XIX, como *Taras Bulba*, de Gógol, não faltam exemplos de mulheres retratadas enquanto traiçoeiras, pomas da discórdia, libidinosas e despudoradas diante do império masculino e de seu ímpeto de dominação.

Tais ressonâncias do problema perpassam este século, chegando até hoje. Sem contas os séculos anteriores, do XIX em diante, tivemos exemplos tais em ficções em que aparece já de cara, só pela menção do título, a figura da mulher, implícita ou explicitamente. São obras como *Madame Bovary*, de Flaubert; *o Eterno Marido*, de Dostoiévski; *Lolita*, de Vladimir Nabokov, além da icônica *Capitu*, no *Dom Casmurro* de Machado de Assis, entre outras.

Essa posição denota que haverá, sem dúvidas, uma digressão ou um retrato construído dessa figura feminina. No entanto, nem sempre a crítica à mulher é realizada de maneira escancarada, denotando agressividade nítida. É por isso que Pierre Bourdieu é tão importante com seu conceito de violência simbólica. Para ele, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BORDIEU, 2007, p.18).

Aí, se não se faz mais presente o discurso nítido, é preciso saber se a violência simbólica implica uma aceitação pré-determinada, já presente no seio da inserção social da mulher. Mas mesmo nesse caso, ou seja, mesmo na hipótese de uma análise da conjuntura de uma época, o que parece se mostrar universalmente presente na história da humanidade e do pensamento, é a capacidade de emancipação a qual emana de certas mulheres, e que incomoda a masculinidade dominante.

Constata-se que essa dominação masculina presente na obra estudada, foi naturalizada naquele referido ambiente de relações sociais, considerando que as próprias mulheres – esposas e filhas, acabam inserindo essa relação de submissão em sua rotina como algo

irreversível. Não percebendo sua condição de dominada, as mulheres descritas na obra são tratadas como figurantes e acabam reproduzindo essa subserviência diante do macho. Pertinente a isso, Pierre Bourdieu em sua obra *A dominação Masculina* (2007):

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão do trabalho (BOURDIEU, 2007, p. 20).

Esse aspecto do feminismo situa a mulher resistente como figura historicamente presente em qualquer época, rompendo estigmas ou denotando a possibilidade de abertura para um diálogo igualitário, ainda que se tenha que atentar para os artifícios do primado do patriarcalismo quando se trata de mascarar as práticas de sujeição.

No próximo tópico, tratar-se-á do romance *Taras Bulba*, de Gógol, e posteriormente, da forma como os problemas e conceitos até aqui discutidos podem ser trabalhados dentro da obra.

3. TARAS BULBA: O ROMANCE DA OPOSIÇÃO COSSACO-MULHER

Nikolai Vasílievich Gógol, nascido em 1809 em Velyki Sorochyntsi, cidade pertencente ao Império Russo, mas que atualmente é parte da Ucrânia, faz parte de um rol de escritores que presta referência ao povo com o qual se envolveu. Sua nacionalidade é motivo de questionamentos, pois sua cidade natal fazia parte do então Império Russo, mas atualmente pertence à Ucrânia. Devido à isso, tanto a Rússia quanto a Ucrânia requerem a sua nacionalidade. Apesar de desenvolver diversos trabalhos influenciados pela tradição ucraniana, Gógol escreveu em russo e sua obra é apontada como patrimônio da literatura russa. Como em muitas outras, a obra de Gógol, retrata diversas guerras e conflitos políticos, sejam eles relacionados às questões nacionalistas internas ou a costumes patriarcais já há muito arraigados.

Desde Tchekov até Tolstói e Dostoiévski, temos o exemplo de mulheres, ora fortes, ora subjugadas pela força de um Senhor que se coloca como bastião dos costumes da sociedade russa da época. Alguns romancistas tentaram veementemente criticar esse modelo paternalista de sujeição da mulher ao homem, que embora fosse retratado por meio de uma novela, não deixa nunca de apresentar seu valor atemporal e histórico relacionado aos

problemas encontrados diante de direitos ou de evocação de direitos por parte de uma subjetividade representada por um gênero, no caso, tudo aquilo que envolve a figura da mulher.

Neste sentido, verificaremos neste tópico, após uma exposição da trama da obra *Taras Bulba* de Gógol, analisaremos como os conceitos da relação de dominação do homem sobre a mulher (de poder entre os dois), de modo que, após a exposição de elementos centrais da história da novela, abordaremos também as características da feminilidade na obra, nos papéis de mãe e esposa em relação aos desígnios do macho maior na figura do Homem-Cossaco.

A questão se faz importante em Gógol, muito embora tenha sido tratada com contornos diferentes em outros autores da tradição novelesca russa, principalmente pelo aspecto realista com o qual legaria a várias gerações posteriores.

A obra, cheia de princípios de um ideal romântico de sua época, trata do feminino e masculino pela perspectiva de problemas ligados, tanto a etnia quanto ao patriarcalismo, no entanto, sem deixar nunca de flertar com os problemas que perpassam o tempo em que foram vislumbrados pelo autor em questão.

3.1 Taras Bulba: escancarando um ideal conservador

Taras Bulba conta a história de um velho Cossaco da atual região ucraniana da Zaporózia, personagem este que possui nome homônimo ao título do livro. Não tem-se como objetivo discutir a fundo a história dos Cossacos na Rússia ao longo das eras, mas de modo sucinto, podemos dizer que essa figura se caracteriza pela longa dedicação ao militarismo e à servidão aos czares, povos que tiveram origens camponesas, mas que no século XIX de Gógol, dentro do romance, têm papel em disputas entre poloneses e ucranianos.

Taras Bulba se situa na estepe russa, e inicia-se logo de cara com o brado do patriarca da família para seus dois filhos, Ostap e Andryi, conclamando-os a exercer sua masculinidade. Conforme afirma o personagem no romance: "Vire-se, meu garoto! Quão ridículo você parece! Que tipo de casaco de pastor você adquiriu? Alguém na academia veste-se assim?" (GÓGOL, 2008, p.22).

Há no romance uma guerra entre cossacos e poloneses, que culmina em problemas étnicos relevantes. Uma das questões mais importantes do livro é o fato de que a presença do pai implica que as tradições devem ser cumpridas pelos filhos de maneira austera, ao custo de uma punição ainda mais severa caso descumprida, o que se verá no romance.

A novela não chega a ser longa, mas logo de cara, prevalece o aspecto paternalista tão comum nas novelas familiares, de Shakespeare até Machado de Assis. No livro de Gógol, é ressaltada uma tradição na qual os filhos não eram bem vistos pela sociedade até que fossem à guerra. Em determinado trecho, logo após o começo, Taras Bulba resmunga: “Aqui estão meus dois filhos, nenhum deles foi para a guerra, e você diz que nós não temos nenhum direito, e que não há necessidade para os Zaporójjia saírem numa expedição” (GÓGOL, 2008, p. 62).

Diante de todas essas intempéries, a mãe dos garotos cossacos permanecia atônita, visto que, muitas delas ficavam meses e até anos sem ver seu marido e seus filhos, os quais eram atirados e obrigados a duelar contra o inimigo. Consequente à isso, a esposa e mãe tinha como tarefa preparar toda a alimentação que seria utilizada nos campos de batalha e além disso, eram elas – as mães e/ou esposas dos guerreiros cossacos - que tinham uma vida aflita frente ao duvidoso amanhã que lhes restava. A literatura estudada aponta que as esposas e mães da família contribuíram para que os guerreiros cossacos cumprissem com a sua árdua e perigosa tarefa. A dor da mãe era impotente frente à força masculina. Gógol evidencia isso no trecho a seguir:

Chega, chega de lamentos, velha! O cassaco não nasceu para ficar entre mulheres. Tu os esconderias por baixo das saias e te sentarias sobre eles como uma galinha choca sobre os ovos. Vai prepara a mesa e põe nela aquilo que houver. Mas nada de frutas de sertã, rosquinhas, pastéis doces e demais guloseimas, mas carneiro, cabra e hidromel velho. E sobretudo muita *gorielka*; e que não seja misturada com passas e outras lindezas, mas *gorielka* pura, que ferva raivosamente” (GÓGOL, 2008, p. 7).

Ora, essa perspectiva já denota, logo de cara, a forte presença da masculinidade ucraniana-russa do Homem-Cossaco na figura do pai que impõe os costumes bravos de seu tempo. É uma perspectiva de hierarquia familiar, na qual se forma a nuvem de uma casta mais ou menos pré-determinada culturalmente, e que se não é a todo tempo exposta no romance, aparece nesse trecho evidenciando uma disposição de caráter que se mostrará bem inflexível ao decorrer da trama.

Assim, a trama encerra a perspectiva de filhos jovens, fundamentalmente dotados de espírito de descobertas, além de repletos de uma verve direcionada para os impulsos das paixões.

No livro, diz-se que é de que costume que todo homem se case apenas após ter servido ao exército. Como mencionado no trecho acima, prevalece este aspecto como uma espécie de “teste de fogo” ou *dèbut* (estreia) do homem para a sociedade.

Essa tonalidade militarista foi muito explorada ao longo da literatura russa, como por exemplo, o mais famoso romance de Leon Tolstói, *Guerra e Paz* (1867), que não é nosso foco, mas só pelo título, demonstra a clara continuidade de um dos temas discutidos dentro de *Taras Bulba*.

Nesse sentido, cabe compreender como, dentro deste livro de Gógol, a relação paternalista-masculina do Homem-Cossaco é colocada diante de questões como o feminino, a feminilidade e a visão do homem daquela época em relação ao amor, principalmente em vista de caracteres históricos universais, os quais fazem valer a leitura contemporânea que filósofas como Simone de Beauvoir e Judith Butler fazem acerca de questões de gênero.

Assim, em determinado momento do romance, o Senhor Cossaco Taras Bulba, dotado de um impulso e disputa nacionalista acerca das relações Polônia entre territórios que hoje pertencem à Ucrânia, demonstra seu poderio e dominação face à sua esposa.

No livro, há uma demarcada presença de cenas nas quais há disputa de etnias, como por exemplo, o momento em que polacos se empenham contra povos cristãos ortodoxos, de um modo em que recebem ajuda de judeus.

Em certo trecho, a obra diz que, contra cristãos houveram “ultrajes sobre a igreja, o excesso dos nobres estrangeiros, a dominação dos judeus no solo cristão, e tudo que aprofundou o ódio dos Cossacos por muito tempo” (GÓGOL, 2008, p. 199).

Eis que, por conta desse ódio e dessa disputa, em partes por questões étnicas entre judeus, cristãos ortodoxos e polacos, a figura de um personagem sofre e personifica os efeitos da masculinidade Cossaca.

Andriy, o filho do Senhor Taras, apaixona-se por uma mulher, prole do governador da cidade de Dubno. De tal modo, Andriy afirma em determinado trecho de espanto, “a filha do Waiwode é linda, meu Deus, que beleza!” (GÓGOL, 2008, p. 123).

O que ocorre, porém, é que Andriy se apaixona justamente pela filha de um membro da alta corte Polaca. E é quando a filha deste homem, por quem Andriy nutre sentimentos, recebe pão dele. Neste momento sorrateiro, Andriy recebe ajuda da empregada tártara de sua amada.

Em certo momento, é relatado na obra que “Andriy mal podia se mover na estreita toca, enquanto ele seguia a Tártara, que lhe arrastava os sacos de pão” (GÓGOL, 2008, p. 99).

Eis que a novela faz confrontar Taras Bulba com seus filhos e valores em dois momentos distintos e cruciais para o desenrolar final da trama e o ápice da história. Em primeiro tempo, o Senhor Taras Bulba encontra Andriy usando o uniforme dos polacos, numa cena que já não é mais estranha a muitas obras cinematográficas e outros romances de hoje.

Taras Bulba executa sumariamente seu filho, demonstrando indignação com a traição do rebento, que agora teria passado para o lado dos polacos. No trecho em questão, Taras diz: “Fique quieto, não se mexa! Eu te dei a vida, eu também te matarei” (GÓGOL, 2008, p. 167).

A partir daí, uma série de desventuras tem início. Subsequentemente, o outro filho de Taras, Ostap, é capturado pelos polacos e levado a julgamento, tendo sua execução sido preparada em Varsóvia.

Com o outro filho, no entanto, entendendo que não houve traição, Taras é mais condescendente, de tal modo que, ao invés de matá-lo como fez com Andryi, procura salvá-lo, com a ajuda e a cobrança de favores de um homem a quem ajudara no passado.

Taras apela para o auxílio de um judeu, chega a Varsóvia disfarçado na figura de um oficial alemão. O problema é que Taras acaba sendo identificado por um inimigo, de modo que tem de pagar 100 (cem) moedas por sua liberdade.

Ostap então prepara-se para ser executado em silêncio, clamando apenas pelo progenitor nos seus últimos segundos se ele lhe ouve, ao que o pai responde que “sim”.

A partir daí, o destino de Taras não melhora em nada. Homem orgulhoso, o velho cossaco se coloca contra um acordo de paz entre Cossacos e a Polônia, de forma que procura continuar a guerra de seu próprio modo.

No entanto, Taras é preso e condenado à fogueira, embora, antes de ser queimado vivo, proferir as palavras ácidas e inflexíveis que mantém em si todos os ideais os quais ele não consegue abrir mão: “Um Czar ascenderá do solo da Rússia. E não haverá poder que não se submeterá a ele” (GÓGOL, 2008, p. 207).

Assim, fecha-se o ciclo do romance de um modo um tanto quanto trágico, aos moldes das peças Shakespearianas como Hamlet e Otelo, mas mostrando aí o recôndito dos valores sociais e subjetivos de um tempo.

E embora não legassem naquele tempo figuras como Michel Foucault ou Simone de Beauvoir, abriu, ainda que implicitamente, na figura de Nikolai Gógol, o caminho para a discussão acerca da subjetividade. É verdade que não existiam ali os conceitos formulados tais como temos com a ótica do homem dos séculos XX e principalmente XXI.

Mas é difícil negar que existiam nesse meio sérias questões de gênero escondidas nas relações sociais de hierarquia, soberba, orgulho e patriarcalismo. Tendo em vista o que foi elencado nos primeiros tópicos em relação aos filósofos e teóricos contemporâneos, faremos a partir daqui o enlace entre suas filosofias já arroladas e o texto de Gógol.

4.2 Gógol, Taras Bulba e questões de poder e gênero na contemporaneidade à luz de Foucault e Beauvoir.

Considerando tudo que até então foi exposto, há que se fazer uma análise original dos conceitos dos autores escolhidos em relação ao problema abarcado pela obra de Nikolai Gógol.

Nos moldes do que foi colocado por Simone de Beauvoir, principalmente quando ela diz que “tudo que se exige de uma mulher é que seja uma dona de casa atenta, prudente, econômica, trabalhadeira como a abelha, uma intendente modelar” (BEAUVOIR, 1980, p. 112), podemos enxergar na obra de Gógol uma relação de poder implicada e calcada na revalorização imutável do patriotismo e nacionalismo como fator condicionante para a misoginia da época.

Tendo em vista então o fato de que essa mulher grega na qual Beauvoir alude nas citações dos primeiros tópicos, é submissa ao homem de modo a manter as funções sociais domésticas do gineceu enquanto o varão cuida da política e das questões econômicas.

Por isso, é mister assinalar que, toda a figura da mulher, em séculos, passou por questões fundamentalmente ligadas ao patriarcalismo que se conectava à política essencialmente. A imagem da mulher construída social e culturalmente como objeto sexual ou apenas como simples reprodutora, subordinada ao sexo oposto, fruto da dominação masculina predomina em nossa sociedade.

Com isso, se quer dizer que, na comparação por excelência com Taras Bulba, veremos que na obra de Gógol, o filho ainda é criado para se ter uma família com conterrâneas, e a prova disso é o serviço militar que precede a busca de um casamento perfeito. Mas nos gregos, o casamento perfeito era visto apenas como um meio de manter uma casa em ordem para os desejos do varão.

No caso da visão muito particular do Senhor Taras Bulba, a questão de ligar a mulher à questões da pátria, está muito mais ligada a um orgulho ufanista que busca separar os filhos para as mulheres com origens russas/ucranianas, ou seja, mantendo aí o padrão de eugenia, de melhoria na raça por excelência, ao separá-los dos polacos e judeus.

E não é que os gregos não tivessem duas diferenças políticas com outras cidades ou povos, mas é que no caso do romance, o objetivo sobre a manutenção de uma idealizada etnia é muito mais nítido na figura do Senhor Taras Bula.

A feminilidade, assim, as relações de poder, com certeza existem, tal como queria apontar Foucault e Bordieu. No entanto, se a predominância da vontade do macho-cossaco sobre o filho que irá se casar reflete sumariamente e simbolicamente um panorama próprio do homem que odeia a mulher, que se sente ameaçado por ela, tanto o grego como o russo-ucraniano?

Por isso, afirmações tais como a de Bourdieu, para quem “não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BORDIEU, 2007, p. 18), só faz sentido se o homem que violenta a mulher, sutilmente ou simbolicamente, no caso da Grécia ou do romance de Gógol, tem consciência de que o faz, haja vista o desprezo pela mistura étnica que Taras tem pelo filho Andryi vestido como polaco e desprezado pelo pai.

Isso significa, tão somente que Andreyi é desprezado pelo pai, não por ter amado uma polaca, mas por ter colocado em seu corpo as vestes de seu povo, como se o amor devesse ser regido em funções de relações pré-estabelecidas que cumprissem rigidamente e estritamente um código militar. Isso significa nada mais que, Andreyi é morto pelo pai, não por ter amado, mas por ter se “tornado” polonês.

A mulher nesse caso, seu estatuto enquanto forte, bonita ou inteligente, pouco é refletido pelos cossacos, que não receberam nenhuma espécie de educação nesse sentido, ao que se nota no romance. Não se pode dizer aí que feminismo era um conceito presente, resistente, porque a mulher mal existia, muito menos uma teoria com a qual elas pudessem se reunir no entorno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de violência simbólica se entrelaçam com todas essas circunstâncias de opressão quando a questão é colocar o papel da mulher. Mas colocá-los como existentes no

romance Taras Bulba, seria possível se enxergássemos aquela sociedade com nossos olhos e somente se enxergarmos que essa mulher a qual respeitamos hoje, é a mesma de outrora.

Esta seria a análise mais cautelosa e prudente. Se nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, podemos inferir daí que o papel da mulher, pela ótica do Senhor Taras Bulba, e não pelo romantismo de Andriy, é o daquela que desvia o homem de seu caminho com um exército, com seus propósitos de Cossaco.

Donde, pensando bem, o machismo implícito na obra se dá mais por uma semelhança com padrões comportamentais de loucura do que propriamente e exclusivamente um machismo gratuito e sem embasamento. Desta feita, o proselitismo de Taras Bulba, que o leva à fogueira ao não aceitar um acordo de paz cossacos-polacos, assemelha a uma espécie de Quixotismo, no qual a mulher é apenas um obstáculo à realização do sonho de um cavaleiro de salvar sua nação de um povo impuro.

O que existe em Taras Bulba é o retrato de uma guerra que ainda viria nos próximos séculos, a guerra de anexação e distância étnica entre ucranianos e russos. A mulher, diremos finalmente que existe, mas fundamentalmente nesta obra, é como um obstáculo a toda sorte de luta idealizada de um cossaco, no máximo um apêndice de outro castelo, outra cultura que não soube contê-la. Por causa disso, um filho como Andreyi deve ser retirado do mundo. Não porque faz como Proust, que afirma que nós, apaixonados, não temos sossego enquanto não tenhamos consigo converter tudo em nós mesmos. Quantas mais mulheres, assim, forem retiradas do mundo para não atrapalhar o cossaco com sua fragilidade e capacidade de sedução que desvia os olhos do soldado, melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, JUDITH. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G, L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.110-127.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, 13ª ed. trad. Maria Tereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque, Rio de Janeiro: ed. Graal, 1999.

GÓGOL, Nikolai. *Taras Bulba*. Tradução de Nivaldo dos Santos. Rio de Janeiro: ed. 34, 2007.

PROUST, Marcel. *À sombra das moças em flor*. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.